

O Brasil popular de Heitor Villa-Lobos

O compositor recebe uma série de homenagens, inclusive no exterior, por ocasião da passagem de seu aniversário de nascimento, em 5 de março de 1887

Danilo Chaib*

No carnaval de 1887, em Laranjeiras, Rio de Janeiro, Dona Noêmia foi ver a banda passar cantando coisas de amor, de mãos dadas com seu Raúl, na noite de sábado, dia 19 de fevereiro. Seu Raúl de vez em quando acariciava o ventre de sua amada, sentindo o bebê se agitar, como se sentisse a energia irradiada daquela festa. Dizem que os primeiros sons que ouvimos antes de nascer são as batidas do coração de nossa mãe. Mas os pais de Villa-Lobos proporcionaram ao bebê um prazer a mais: ele, além disso, ouviu todo os sons do carnaval duas semanas antes de nascer, no dia 5 de março. Agora, a passagem do seu aniversário de 117 anos motivou uma série de homenagens, inclusive no exterior. O compositor morreu no Rio de Janeiro, dia 17 de novembro de 1959.

Encantado com o universo sonoro que o cercava, o menino, antes de falar, já repetia sons do seu cotidiano, como os cantos dos bem-te-vis e o apito do trem: "Tu-hú!... Tu-hú!..." Esse som, que o menino não parava de variar nas diversas formas e movimentos (inclusive mais tarde num movimento sinfônico que recebeu o nome de "O Trenzinho do Caipira"), rendeu-lhe o apelido "Tu-hú". O apelido era um incentivo carinhoso de seus amados para que Heitor continuasse em sua pesquisa sonora. Quando o moleque tinha quatro anos, o pai reformou uma viola (aquela hoje conhecida como viola clássica, um pouco maior que o violino) para transformá-la no menor violoncelo de que se tem notícia. E passou a dar ao pequeno aulas daquele instrumento que Villa-Lobos homenageou em sua Primeira Bachiana Brasileira, escrita para orquestra de violoncelos. A infância do músico foi a mais brasileira possível, cheia de pipas, brincadeiras e muita música.

Tendo nascido poucos dias depois do carnaval, Heitor Villa-Lobos veio ao mundo já com saudade de ver a festa. Se esperava com ansiedade o carnaval de 1888, surpreendeu-se quando a festa chegou no dia 13 de maio, só três meses depois de seu nascimento, em comemoração à proclamação da Lei Áurea. Heitor testemunhou todos os sons da comemoração, batuques, rodas de samba, choros, pontos de macumba, danças africanas (resgatadas pelo maestro numa série apresentada na Semana da Arte Moderna de 1922, onde foi o único representante musical). Em 1889, outro ano com dois carnavais: o extra aconteceu em novembro, com a proclamação da República.

Essa ligação de Villa-Lobos com as festas populares e com os sambistas do morro – Cartola, Pixinguinha e demais chorões, negros, brancos, mulatos – está reatada no livro "Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira – Uma visão sem preconceito" de Ermelinda Paz, lançado no último dia 5 de março, no Museu Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, como parte das comemorações do aniversário de nascimento do maestro.

Amor e ódio

Villa-Lobos tinha personalidade forte. Era daquelas pessoas sobre quem não há meio termo: ou o amavam, ou o odiavam. O pianista Arthur Rubinstein podia odiá-lo, com certeza, pois seu primeiro encontro com o compositor foi um tanto grosseiro. Mas logo depois conseguiram ser tão bons amigos que Villa-Lobos carregava o virtuose para pular carnaval. Ele teve uma história parecida com o violonista espanhol André Segovia – a quem Villa-Lobos dedicou quase toda sua obra de violão – que virou seu grande amigo a partir de uma briga.

A frase "O folclore sou eu!" atribuída a Villa-Lobos, irritou muita gente. Mas se observarmos outras frases, como "O Brasil precisa de educação, de uma educação que não seja de pássaros empalhados em museus, mas de vãos amplos no céu da arte", vemos talvez a preocupação em dizer que o folclore não deve ser encarado como algo

de museu, ultrapassado: o folclore deve estar vivo, em você, em mim. Deve persistir e lutar contra toda uma massificação que condena a cultura regional, autêntica, popular.

Talvez por esta consciência, em 1929 Heitor abre mão de um convite de residir em Paris e aceita gerenciar, em 1930, a Superintendência de Educação Musical e Artística (Sema), em parceria com o visionário Anísio Teixeira. Como fruto deste trabalho, um decreto no ano seguinte, referendado por Getúlio Vargas, tornou-se obrigatório o ensino do canto orfeônico nas escolas. Villa-Lobos dizia: "Pode parecer ridícula a frase: 'Todo o Brasil deve cantar'. No entanto, o Brasil inteiro canta no Carnaval, essa festa rica de ritmos e alucinante. Festa de doidos, pretexto para desabafo de uma subconsciente loucura coletiva. Por que não há de cantar nos outros momentos da vida nacional, nos grandes momentos de protesto, de alegria, de entusiasmo?"

Assim como Beethoven era chamado de egocêntrico enquanto declarava amor à humanidade compondo completamente surdo a Nona Sinfonia, Villa-Lobos declarava seu amor ao povo brasileiro: "O Canto Orfeônico é o elemento propulsor da elevação do gosto e da cultura das artes, é um fator poderoso no despertar dos sentimentos humanos, não apenas os de ordem estética, mas ainda os de ordem moral, sobretudo os de natureza cívica".

E ainda: "(...) Dá-lhes (aos estudantes) a compreensão da solidariedade entre os homens, da importância da cooperação, da anulação das vaidades individuais e dos propósitos exclusivistas, de vez que o resultado só se encontra no esforço coordenado de todos, sem o deslize de qualquer, numa demonstração vigorosa de coesão de ânimos e sentimentos. O êxito está na comunhão".

Legado

Talvez essa institucionalização da música tenha gerado os movimentos musicais da década de sessenta (e os que foram silenciados pela ditadura na década de setenta). Já o fim da obrigatoriedade do ensino de música nas escolas pode ter relação com o hiato musical a partir do fim dos anos 1980.

Mas há quem persista no sonho, e hoje temos vários regentes de coros que lutam em expandir o legado de Villa-Lobos (quem quiser saber se em sua cidade existe um coral pode consultar a página da Associação Brasileira de Regentes de Coros na Internet: www.abrc.com.br)

Na década de 1950, os Estados Unidos começaram a assediá-lo, que relutava constantemente em visitar ou colaborar com os Estados Unidos. Mas acabou cedendo e foi apresentado à nata dos produtores de Hollywood, pelo maestro preferido de Walt Disney, Leopold Stokovsky (que interpretou as obras de "Fantasia"). Como resultado deste contato, Villa-Lobos compôs uma trilha sonora para o filme "A Flor que não Morreu" ("Green Mansions", 1959), de Mel Ferrer, protagonizado por Audrey Hepburn e Anthony Perkins (que despertaria mais atenção em Psicose de Hitchcock). Esta trilha foi completamente picotada pelos produtores, que incluíram um segundo compositor para "editar" a obra. Villa-Lobos, para manter sua integridade, resgatou a música e a transformou em quatro canções com o título "A Floresta do Amazonas", para soprano, coro masculino e orquestra. Existe uma versão da "Floresta do Amazonas" interpretada por Ney Matogrosso e Wagner Tiso, que se pode atualmente adquirir pelo selo Kuarup (www.kuarup.com.br), que possui um acervo enorme de Villa-Lobos, junto com as gravadoras Naxos e EMI.

Heitor Villa-Lobos está vivo. Deixou um recado neste planeta, que o perpetuou, fazendo com que seu amor em forma de som nunca fosse calado. Seu grande amor em

vida, Mindinha, sabia disso, criando e gerenciando o Museu Villa-Lobos por 25 anos, de 1960 a 1985. Em 1987, a Associação de Amigos do Museu Villa-Lobos surge para dar gás à chama que serve de inspiração a todas as nossas futuras gerações de músicos amantes da arte, o povo brasileiro. Inscreva-se, participe, ouça, não deixe a música se extinguir (posto que é chama): acesse a página: www.museuvillalobos.org.br/mvl4.htm

*Violoncelista, professor da Escola de Música de Brasília, escritor e filósofo

